

davinciniana da relação intrínseca entre a pintura e a matemática.

Por último, as profecias, que são os escritos de “caráter mais peculiar, por possuir sentenças obscuras, enigmáticas e repletas de imagens apocalípticas”, como diz a organizadora do livro. Assim, temos profecias, cujo tema já se encontrava na Bíblia, como por exemplo, a profecia “Sobre a língua dos diversos povos”, em que Da Vinci expõe a sua concepção do mito de Babel: “A geração humana chegará a tal ponto, que não se compreenderá o falar nem de um nem de outro. *Isto é, um alemão com um turco*”, ou na profecia de “Sobre a leitura de bons livros”, na qual ele diz: “Felizes serão aqueles homens que prestarem ouvidos às palavras dos mortos. *Ler as boas obras e observá-las*”. Esse tipo de escrito contribui para aproximá-lo de muitos de seus posteriores, como Leopardi ou Schopenhauer, que em *Sobre livros e leitura* afirma: “Não há maior deleite para o espírito que a leitura dos antigos clássicos: tão logo tomamos um deles, nem que seja por meia hora, nos sentimos refrescados, aliviados, purificados, elevados e fortalecidos; exatamente como se tivéssemos bebido de uma fresca fonte”. Há também profecias com tom apocalíptico e que podem ser lidas como chave para o presente e o futuro não muito distante: “Ver-se-ão as plantas ficarem sem folhas e os rios interromperem seus cursos”.

A engenhosidade e criatividade associada à inteligência multifacetada do pintor das “Virgens das rochas” e do famosíssimo “Esquema das

proporções do corpo humano” já foi destacada em várias histórias da arte, como na de Gombrich citada acima, na de Argan, cujo segundo volume da sua *História da arte italiana* começa com Giotto e culmina em Leonardo e também no recente *História da Beleza* (2004), de Umberto Eco, em que se mesclam imagens de Da Vinci e textos do autor.

Para finalizar, gostaria de destacar que o mérito principal deste livro é o de possibilitar ao leitor brasileiro o contato com alguns dos escritos literários do grande humanista, disseminados em seus cadernos de notas e dispersos após sua morte. Por meio deles, desponta um escritor que pode ser comparado a Esopo ou La Fontaine nas fábulas, a La Rochefoucauld, Lichtenberg ou Vauvenargues nas máximas e aforismos e ao *Apocalipse da Bíblia* nas profecias, confirmando assim que ele foi “verdadeiramente admirável e celestial”, como o descreve Vasari na sua *Vida de Leonardo da Vinci*.

Andréia Guerini  
UFSC

### ***Revista Morus - Utopia e Renascimento e o recontar da história***

Em 1516, o então chanceler da Inglaterra que vivia sob a dinastia Tudor, Thomas More – católico convicto – resolve, de modo deliberado, consciente e, sobretudo, metafórico, excetuar-se de seu tempo, de seu lu-

gar – uma Inglaterra iminentemente protestante, mais por questões políticas do que teológicas – e, a partir de um olhar observador, habitar um *não-lugar*, um *topos* imaginário que também será *a-histórico* – avesso ao que vive em sua realidade, perfeito. Thomas More toma de assalto o livre-arbítrio contido em sua fé cristã e, na contramão do direcionamento político-religioso de seu país, escolhe julgar a Inglaterra a partir de sua própria errância rumo à idealização da retidão inexorável. Thomas More cria, portanto, a *Utopia*, este lugar perfeito inexistente, mas que deveria existir. Pensando e moldando a sociedade, ele a organiza racionalmente; uma solução minuciosamente planejada é apresentada em forma de romance.

Eis o ponto nevrálgico que a revista *Morus* se propõe a explorar: a ambiguidade de se pensar a utopia.

Hodiernamente vulgarizado como algo irrealizável e resolutamente bom, o termo cunhado por Thomas More é neste periódico tratado com mais argúcia e, por que não dizer, observado tal qual um utopista desajustado do seu *locus* social – com desconfiança. Se a utopia nasce como algo ideal de um (o utopista) para todos, a questão é saber para quem é ideal de fato. Instata tentar entender como a utopia – historicamente proveniente do Renascimento – é, ao mesmo tempo, filha e inimiga desta que parece ser uma entidade: a saber, a razão.

Distanciando-se da idéia onírica que vê a utopia como emplastro do

mundo, o objetivo da revista *Morus* é ater-se ao gênero literário que guarda em si uma polissemia como a de um tratado político, filosófico e por vezes até religioso, e que nega a intervenção da história, mesmo sendo um produto desta. A mesma história que também gerou o pesadelo de nossa contemporaneidade retratado nas distopias – as utopias negativas, os mundos péssimos de George Orwell e seu *1984*, de Huxley com *Admirável Mundo Novo*, ou do *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury. É este algo de tácito e extremamente sutil que faz com que se confundam lexicalmente utopia e distopia.

Estruturalmente, a revista *Morus* traz em cada edição anual um dossiê temático, além de clássicos sobre o tema da utopia, traduções integrais ou parciais de obras utópicas. Também aparecem ensaios, reflexões, resenhas em inglês, francês e italiano, pois a revista conta com um conselho editorial formado pelos maiores pesquisadores do tema no Brasil e no mundo. Dentre outros autores, pode-se mencionar Andrea Battistini, professor da *Università di Bologna* – grande estudioso do pensamento de Vico; Arrigo Colombo (*Università di Lecce*), figura central de um grupo de intelectuais que discute o tema da utopia como projeto e processo de liberação da humanidade; Bronislaw Baczkowski da *Université de Genève* – autor do clássico estudo *Lumières de l'utopie* e um dos mais ilustres estudiosos do tema, mais especificamente as do século XVIII, e Claude-Gilbert Dubois da *Université Michel de Montaigne (Bordeaux 3)*

que publicou mais de vinte livros sobre o tema da utopia, tais como *La conception de l'histoire en France au XVI<sup>e</sup> siècle*. Outros importantes autores publicaram em *Morus*, como Carlos Antonio Leite Brandão, professor da faculdade de arquitetura da *Universidade Federal de Minas Gerais*, que se dedica aos temas da arquitetura e urbanismo no Humanismo e que publicou vários artigos sobre o tema, como *Quid tum? O Combate da Arte em Leon Battista Alberti*; Cosimo Quarta (*Università di Lecce*), atual diretor do *Centro Interdipartimentale di Ricerca sull'Utopia* e autor de vários livros sobre o tema, entre eles *Homo utopicus*, *L'utopia platonica*, Tommaso Moro. *Una interpretazione dell'Utopia*, e Fátima Vieira da *Universidade do Porto* – coordenadora de dois projetos sobre o utopismo: *Utopias Literárias e Pensamento Utopico* e *Mapping Dreams: British and North-American Utopianism*, e diretora da revista eletrônica *E-topia*. Conta também com Frank Lestringant da *Université Paris IV – Sorbonne*, professor de literatura francesa do Renascimento que publicou cerca de trinta obras, entre as quais *Le Huguenot e le sauvage* e *Le cannibale, grandeur et décadenc*; e com Jean-Michel Racault, importante pesquisador da *Université de la Reunión* que se dedica desde 1974 ao tema da utopia, do insularismo e da literatura de viagens e publicou *L'utopie narrative* e *Nulle Part et ses environs*. Dentre outros autores, pode-se citar Laura Pighi (*Università di Bologna*) estudiosa da utopia entre os séculos XVIII e XX e autora, den-

tre outros escritos relacionados ao tema, de *La narrativa italiana di utopia dal 1750 al 1915*; Nadia Minerva – professora de língua e linguística francesa na *Università di Bologna* e organizadora da importantíssima obra *Per Una Definizione dell'Utopia*; e, por fim, Raymond Trousson (*Université Libre de Bruxelles*), um dos primeiros a estudar sistematicamente o tema, autor de artigos e livros sobre a história do gênero utópico como *Voyages aux Pays de nulle part*, além de edições críticas de textos clássicos; e Vita Fortunati, da *Università di Bologna*, coordenadora do projeto europeu *Interfacing Sciences, Literature and the Humanities* e diretora do *Centro Interdipartimentale di Ricerca sull' Utopia* da *Università di Bologna*, autora de *Viaggi in Utopia*, e *Dall'Utopia al Utopismo* e organizadora, com Raymond Trousson, do *Dictionary of Literary Utopias*.

Além do conselho editorial, outros autores têm textos publicados pela *Morus*, como, por exemplo, Agnes Heller, uma das mais importantes intelectuais contemporâneas, discípula do filósofo Georg Lukács e autora de *O Homem do Renascimento* e de *The Time is Out of Joint: Shakespeare as a Philosopher of History*, entre outros. Outros nomes importantes, grandes pesquisadores do tema, que, de certa forma, dão novo impulso aos estudos sobre a utopia, também são publicados por meio de traduções de seus escritos mais importantes. É o caso de Carlo Curcio e de Luigi Firpo.

Coordenada por Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel do Departamen-

to de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a revista também abre espaço para que jovens pesquisadores de pós-graduação que se dedicam a esta temática compartilhem seus estudos por meio de publicação de artigos, como ocorre com o grupo de estudos *Renascimento e Utopia* da Unicamp, que visa propagar o que há de mais importante e recente sendo estudado dentro do tema utopia.

A revista *Morus – Utopia e Renascimento*, embora tenha a presença majoritária de pesquisadores da UNICAMP, é uma publicação independente, o que lhe garante total autonomia do editor e co-editores para a escolha do material a ser publicado. Desde seu primeiro número em 2004, portanto, nas próprias palavras do Prof. Berriel, a *Morus* nasce a contrapelo da pragmática dos tempos que correm, ao vislumbrar apenas o inusitado. Parafraseando Luigi Firpo que caracteriza o utopista como um *profeta desarmado* que possui uma *proposta radical*, a *Morus* se propõe a retomar a reflexão e o movimento radicais praticados pelos humanistas do XVI: olhar para a história e pensar o homem como uma autarquia e ao mesmo tempo produto desta história inerentemente inquietada.

Se, porventura, a decepção com o stalinismo e mais tarde a queda do muro de Berlim deram a impressão de uma história consumada, provocando um ceticismo em relação a qualquer forma alternativa de so-

cidade, a revista *Morus – Utopia e Renascimento* resgata da incineração a literatura utópica e chama novamente a pensar o pesadelo moderno de um mundo saqueado por tecnocratas pragmáticos. *Morus* investiga, sob a égide da crítica e da história, o real, tal qual Thomas More. Não apenas como aquilo que é empiricamente, mas como aquilo que pode ser. Jean Delumeau diz que os astros foram acusados pelos *melhores espíritos* do Renascimento de lhes terem legado uma existência dolorosa. Esta mesma existência dolorosa que permanece, portanto, impulsiona o estudo mais apurado das sociedades que, ao que parece, desde sempre precisaram de um tratado filosófico para delinear-las e direcioná-las. Há três anos, imbuída de sonhos e, ao mesmo tempo, ciente e madura, a revista *Morus* refuga o fim da história, observando, contando e recontando novamente esta que, talvez, sempre tenha sido imaginada.

Juliana de Oliveira Lopes  
UNICAMP

**Hanawa, Kazuichi. *Na prisão*. Tradução de Drik Sada. São Paulo: Editora do Brasil, 2005. 234 pp.**

Desde o início dos anos 2000, tornou-se muito mais popular e acessível o mangá (palavra que em língua portuguesa é de dupla prosódia e, por isso, será acentuado aqui, evitando a ambiguidade com